

Lenda da Amazônia



A LENDA DO MUIRAQUITÃ

A palavra **Lenda** tem vários significados. Existem aquelas que vêem a lenda como o estudo de um acontecimento, um processo como o estudo ou de uma pessoa. Outros entendem que a Lenda só deve se interessar por acontecimentos de grande importância, que tenha significado a humanidade. E há também quem defina a Lenda como o estudo científico da evolução do passado.

A lenda é basicamente uma experiência humana, um constante fazer, desfazer, e refazer, para cada um a palavra tem um significado diferente, por isso, acreditamos que a Lenda é uma ciência que está em permanente construção.

Os seres humanos sempre fizeram registro de Lendas. De nossos índios.

AMAZONAS ou ICAMIABAS

A lenda das mulheres guerreiras foi o que deu origem ao nome do estado mais extenso do Brasil e do maior rio da região amazônica, um dos maiores do mundo. Os primeiros europeus, ao chegarem às terras da futura Amazônia, contaram ter encontrado tribos de mulheres cujos costumes assemelhavam-se aos das famosas Amazonas da Capadócia, na Ásia Menor.

A palavra Amazonas vem de a (sem) + mazos (seios), portanto, sugere significar "mulheres sem seios" ou, pelo menos, sem algum dos seios. Diz-se que as Amazonas extirpavam o seio direito para melhor manusear suas armas durante as batalhas.

A tribo vivia sem permitir a presença de homens. Apenas quando precisavam procriar, elas buscavam os machos de outras tribos, mas depois da cópula eles eram obrigados a voltar à tribo de origem. Os filhos das Amazonas, quando nasciam meninas eram criadas com a mãe para aprender o ofício da guerra. Mas quando nasciam meninos, eram entregues ao pai.

A LENDA DA MUIRAQUITÃ

Na nascente do rio Jamundá há um famoso lago consagrado à lua. O lago é denominado Iacuaruá, que quer dizer Espelho da Lua e a mãe do muiiraquitã que habitava no fundo do lago Iacuaruá. Quando a superfície do lago estava serena refletindo a lua cheia, as icamiabas lançavam-se à água e mergulhavam até o fundo, onde recebiam das mãos da mãe de muiiraquitã os preciosos talismãs. Recebiam-nos ainda moles, mas os amuletos solidificavam-se tão logo entrassem em contato com o ar. Com esses muiiraquitãs elas presenteavam os homens com quem mantivessem relações íntimas. As icamiabas não admitiam homens em suas tribos, só os procurando quando sentissem o desejo de relações amorosas. Os parceiros ocasionais das icamiabas eram os índios Guaracis.

As icamiabas eram as mulheres guerreiras chamaram de Amazônia, nome que as icamiabas passaram a ser conhecidas no mundo civilizado. O nome foi aplicado por analogias as amazônias das lendas da capadócia, que eram mulheres guerreiras que amputavam um dos seios para o melhor manejo do arco e da flecha e que cavalgavam com muita desenvoltura. As icamiabas entretanto, ainda que

guerreiras, não extraíam os seios e nem cavalgavam, não havia ainda o cavalo nas Américas daqueles tempos. Diz ainda a lenda que, se dá conjunção carnal entre as icamiabas e os Guaracis nascessem filhos varões estes eram sacrificados ou entregues ao pai para criá-los desde que elas não elas não aceitavam a permanência de homens em suas tribos, mas provavelmente não só no iamundá eram os muiraquitãs, na parte mais funda do rio tapajós, também no alto rio negro.

VELHINHA DO LAGO

Aqui atrás nós temos um lago. Aí eu acredito que tem alguma coisa que protege ele. Porque tem aquelas coisa de floresta que se diz... aninga, que faz aqueles aningal no lago. Eu acredito que ali tem alguma coisa que protege. A mãe do lago.

Essa mãe do lago eu não tenho muito incentivo dela, mas pelo que eu vejo, já tenho visto várias coisas aí, né. Desde quando eu cheguei, aí dentro desse lago tinham diversos aningais. Aliás, uns já saíram, outros ainda estão lá. Aí o que a gente vê lá são enormes jacarés que sempre se apresentam lá. Sucuriju. Tudo isso, eu acho, são sistemas que protegem o lago, e mesmo a floresta do lago, que é a aninga.

Eu tenho a história de um sobrinho meu. Quando meu marido foi para o garimpo nós ficamos aqui. Eu ainda estava com meus filhos todos pequenos. Aliás eu só tinha três, que eu tenho cinco filhos. Meu marido foi para o garimpo e nós ficamos aqui.

Aí eles foram pecar lá no lago, meu sobrinho com meu filho. Colocaram uma malhadeira entre os dois aningais aí do lago. Colocaram lá para pegar peixe. Aí quando eles foram ver, chegaram lá tinha uma sucuriju na malhadeira. Uma sucuriju de sete metros, mais ou menos.

Eles eram tudo novinho, não tinham força de conduzir com o sucuriju pra terra. Aí eles pegaram, vieram aqui em casa e me avisaram.

Eu digo: Olha!

- Não, nós vamos lá matar o bicho.

Eu digo: mas como vocês vão matar?

- Não, nós vamos matar, seja lá de que jeito... nós temos que matar.

Daí eles foram para lá, quando chegaram lá chegou um vizinho ali da outra comunidade. Chegou lá com eles. Lá eles chegaram e mataram. Convidaram ele para puxar a malhadeira e tudo o sucuriju para terra. Aí

eles puxaram e mataram o sucuriçu, No que eles mataram o sucuriçu, varou outra assobiando de lá. Que assobia um assobio fino. Aí eles ficaram lá, mas não mexeram com o outro, né. Não mexeram, só fizeram matar ele. E deixaram lá na praia o sucuriçu que estava na malhadeira. Mas o outro eles não mexeram mais. Aí eles vieram embora e não colocaram mais a malhadeira lá.

Na hora não aconteceu nada. Passou dias, foi. Quando foi um dia nos fomos ali, fomos convidados para uma reza que teve ali na outra comunidade. Nós fomos lá e ele foi comigo. Na volta de lá, nós voltamos andando. Ele sentiu um remosso. Ele dizia que uma pessoa pegava ele. Nós voltamos já de noite de lá. Ele sentiu um remosso assim, um medo que parece que uma pessoa vinha pegar ele. Ai ele dizia para mim, vinha eu, o meu filho, uma sobrinha que tá em Manaus e ele. Aí ele dizia: vem uma pessoa atrás de mim.

Isso era de noite, né. Aí eu dizia:

- Mas quem?

Ele dizia:

- Mas alumia atrás de mim, que vem uma pessoa querendo me pegar.

Aí eu dizia:

- Mas não meu filho, não vem ninguém.

Alumiava com a luz, né. Não tinha ninguém. Não via mesmo ninguém. Aí viemos embora. Quando chegamos aí na casa da mãe dele, aí onde é a comunidade, o centro da comunidade, aí nós paramos. A mãe dele morava lá. Mora ainda até agora.

Era luar. Aí ela disse assim:

- Vocês vão no escuro?

Eu digo:

- Nós vamos.

Ela disse:

- Não. É claro onde é limpo, mas onde tem o mato é escuro. Precisa vocês lavarem uma luz.

Aí ela pegou e deu uma luz para nós trazermos. Quando nós saímos de lá, que entramos nessa ponta de mato que entra pro lado daqui, né. Aí ele dizia:

- Titia vem uma pessoa atrás de mim.

Aí eu clareava e dizia: - Mas não vem ninguém não.

O meu filho vinha na minha frente e a minha sobrinha também, ele vinha atrás de mim. Aí nós viemos. Quando chegamos aí no... aqui pra chegar nessa casa desse vizinho que bem aí. Ainda era outro vizinho, não era esse que está morando agora. [...] Aí quando nós chegamos ele disse:

- Titia vem uma pessoa me pegar.

- Mas quem menino?

Quando eu virei com a lamparina ele se jogou pra cima de mim. Que ele se jogou aí eu disse:

- O que foi que aconteceu?

Aí ele não falou mais. Não falou, ficou mudo. E pra gente trazer ele de lá foi uma luta. Nesse intervalo, meu filho, minha sobrinha agarraram com ele e vamos, vamos. Ele falava e perguntava... Ele não falava nadinha, ficou mudo. Aí nós pelejamos para trazer ele, assim, arrastando. Quando nós passamos um pouquinho da casa do vizinho, aí parece que soltou ele. Aí eu chamei ele pelo nome dele. Que o nome dele é João.

- João! O que está te acontecendo meu filho?

Ele disse:

- Ah titia, é um homem que veio me pegar. É lá do lago. De lá do lago. Ele veio me buscar aqui pra ir lá na casa dele. E já me deram tanta pisa, tanta pisa. Ele e a velhinha.

Ele disse que tem uma velhinha que tem lá, que toma conta do aningal. Ele disse que é dona do aningal. Ele disse:

- A velha me deu uma pisa, de cinturão ainda.

MÃE DO IGARAPÉ

Os antigos falavam que todo mundo tem mãe. O igarapé tem mãe, se começar a brincar por lá é judiado pela mãe, agora, só que a gente não enxerga, mas que tem, tem. Ela que protege as cabeceiras, o igarapé. Ela que protege, porque um igarapé que ele não é, vamos dizer, roçado, ele fica todo tempo bonito e se ele faz roçado ele vai, secar. Não é e ai pronto, o bicho no duro que a mãe sai de lá. A mãe saiu de lá ai pronto, ai secou o igarapé.

Olha tem uma árvore que chama. Olha, ele tem mãe aquilo lá a gente toma muito cuidado pra gente não vacilar com a mãe dele. Ele se cria, mas tem o vigia dele que é mãe. Ele pode fazer o mesmo papel que os outros. Que cria mas tem o vigia dele que é mãe. Ele pode fazer o mesmo papel que os outros. Que a metade dessas árvores da natureza se concentram nos igarapés.

Aí muitas vezes a gente vai pra lá, muitas vezes a pessoa não sabe se tem dono chega lá vai querer tocar o machado, vai querer apanhar na cara . se o dono acha ruim, toca-lhe mau olhado, outra coisa. Até endoia vira o zezeu.

CONTRATO COM A MÃE DA SERINGUEIRA

Era um homem que trabalhava numa posse de seringa, aqui em Alter do Chão. Naquele tempo chamava posse de seringa. O seringal dele produzia pouco. Quando foi um dia ele cortava as seringueira, bem fraquinhas. Dava pouco leite. E todos apresentavam grande quantidade de borracha. Ai quando foi nesse dia ele ia andado, pensando. Quando chegou no fim da estrada, ele ouviu lá na frente to, to, to. Ai quando chega lá a seringueira já estava quase escorrendo leite. Pingando direto. Ai ele foi cortar outra na frente. Quando chegou mais na frente estava batendo de novo. Naquele tempo cortava de machadinho. Ai foi, estava cortando e a seringueira pingando leite. Ai chegou no fim e ficou sentado. Quando viu bater assim no pau tó, tó, tó ficou com medo. Ele estava com rifle. Sentado ainda esperava o leite, aí viu. Lá vem aquela menina. Veio, veio, veio...

- Bom dia, compadre.

- Bom dia. O Senhor tem um espelho aí?

- Tem.

Pegou o espelho

Ele disse: - O senhor sabe porque a seringa não da leite?

Não.

Porque você nunca deu um batom pra curupira. Nunca você trouxe um espelho pra curupira. Você tem que trazer.

- E é difícil falar com a curupira? O homem perguntou:- pra ele.

- Não vou tá falando com a curupira. O eu sou a mãe do mato. Mãe da mata. Tudo, tudo da mata me pertence. É a madeira, o cipó, a caça tudo que existe na mata me pertence. Eu que ando fiscalizando a mata.

- Eu agora topei com o senhor. Fique penalizado Você passa aqui nessa estrada só um pouquinho de leite. Eu agora vou lhe ajudar. Mas você não vai, vai falhar comigo. Você me traga o batom, me traga um espelho.

- Ele disse - tal dia que eu vou baixá.

- Tá bem olha, eu vou lhe ajudar. Quando você baxá que o Senhor subir você não trazer essa minha encomenda, você vai que que vou lhe da uma pisa. E tá aqui. Puxo o chicote.

- Olha, o chicotinho já tá aqui você vai apanhar. Pode ir que agora essa saca. Naquele tempo usava saca encauchada pra juntar o leite.

- Foi juntando, juntando, juntando. Quando chegou perto do barraco a saca encheu. Nunca tinha feito aquilo. Aí foi deixou na barraca, aí pegou outra saca. Trouxe o leite defumo. Quando foi no dia tinha borracha grande. Começou a produção aí baxô. Chegou na beira. Aí ele disse vou comprar um espelho. Comprou um espelho.

Aí a mulher dele disse mas marido porque tu vai levar tudo isso.

- Não mulher, não sei incomode não. Deixe.

Aí passou uns três meses tá no centro, um dia viu uma rede. Quando chegou lá, que tinha um cavaquinho, escutou alguém tocando. Se embalando na rede pra lá e pra cá.

- Ei compadre. To aqui dado uma treinada que achei bonito esse seu cavaquinho e estou tocando. Cadê minha encomenda?

- Tua encomenda está aqui.

- Mas assim que você traz minha encomenda. Eu não quero assim.

- Não comadre, mas é assim.

Aí mostrou...

- Você trouxe o meu espelho que eu encomendei.

- Trouxe. Tá aqui.

- Cadê o batom.

- Tá aqui. Olhe.

Olha, daqui pra frente tem gente que vai matar gente que vai ficar com inveja de ti, e vai produzir muita borracha. Nada mais vai lhe faltar. Caça você vai matar aqui. Não carece ir longe.

Pois muito bem, aí continuou. Aí a curupira não tinha mais vergonha. Quando chegava estava no barraco se olhando no espelho, passando mais batom e tocando cavaquinho. Só que ele oferecia comida não comia.

- Vamos almoçar comadre que a comida tá pronta.

- Não, não quero.

Nesse tempo era assim até quando foi no fim ele baixou e tinha muita borracha e os outros que faziam mais borracha que ele faziam menos.

MÃE DA SERINGUEIRA

Não conheço bem, porque já foi depois dos meu passado já. Ouvi falai. Diziam que a seringueira tinha mãe, sei que não cheguei a ver, né. Mas meu pai contava que a seringa tinha mãe.

Toda planta tem mãe, só que a gente n'ao vê. E invisível. Ela quando vê assim que o camarada... Naquele tempo aparecia muita marmota, né. pros antigo. Muitas vezes eles não sabiam, cortavam dois dias santo, três dias santo. Seringueira botava sangue.

Então isso que a mãe dava o exemplo pro seringueiro. A seringueira botava sangue. Quando era assim, negócio de plantio, ananazero começava assobia.

Aí é que eu não sei esse mistério. Como é que escorre o sangue? Certo é que a seringueira quando passa o camarada que não acredita, a pessoa não acredita, corta ela a semana toda. Não feria nada. Então quando ele vai corta em vez do leite sai aquele sangue. Que ela é viva.

O camarada corta o tempo todo, ela dando aquele leite. Ela dá aquele leite até naquele ponto. Aí para no outro dia de novo, no outro dia de novo. Só dá aquela quantia. Então quer dizer que ela é una arvore, que ela é sobrevivente. E sobrevivente ela. Porque não é como outras árvores que se você cortou elas, elas dão aquele leite elas morrem. Se acabaram.

Olha, não vai longe, a massaranduba. Tira o leite dela, pronto. ela se acaba. Morre. Ela não ia sobreviver não. Ela não tem sobrevivida não.

Dessas plantas que tem sobrevivida só mesmo a seringa.

Essas coisas assim. Então tudo quanto é planta tem mãe. Só que é invisível, a gente não vê. Toda planta, toda árvore tem mãe. Bastando ser da mata tem mãe. Que você vai andar rio mato bruto, onde nunca ando ninguém, você vê misura. Muita misura. E um assobio, é um grito. Tudo isso dependente da mãe da mata. Que nós conhecemos esses gritos que dá assim.

Tem muitos que dizem que é o Jurupari. Não. não é não. E a mãe dos mato, dessas árvores grandes que tem. Tudo tem mãe, porque se não tivesse não vivia. Ela protege, se ela não protege-se então era tudo já acabado. Porque se derrubar uma árvore ela tem que brotar. Brotar pra tornar a crescer. Quer dizer que a mãe que protege.

O QUE É LENDA

Lenda é uma tradição popular, narração de caráter maravilhoso, em que os fatos históricos são deformados pela imaginação poética. É basicamente uma experiência humana, um constante, fazer e refazer, para cada um, a palavra tem um significado diferente. Por isso acreditamos que a lenda é uma Ciência que está em permanente construção.